



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

**DIANA WYNNE JONES E A ANIMAÇÃO DE HAYAO MIYAZAKI:
A ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO¹**

Autor: Joarlan De Sousa Colaço² Orientadora: Rosângela de Melo Rodrigues³

Universidade Federal e Campina Grande

joarlans@hotmail.com

¹ Trabalho apresentado no GT Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e reverberações no ensino do VI Encontro Nacional de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino, 2016.

² Graduando em Letras Português/ Francês – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. joarlans@hotmail.com

³ Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande desde 1995. Doutora em Literatura e Interculturalidade (UEPB - 2015). Mestre em Literatura e Cultura (UFPB - 2005). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UFPB - 1992). Graduada em Licenciatura Plena em Letras (UFPB - 1991).

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

Resumo: O presente trabalho busca propor, em concordância com os Parâmetros Curriculares Nacionais (no que consiste ao ensino de artes e literatura) alternativas de abordagens e intercessões interdisciplinares para a formação do letramento literário em sala de aula. Nosso objetivo é propor outros caminhos, mostrando a existência de novas possibilidades de encontros para inclusão das capacidades que conduzem o aprender a ler e escrever. Considerando o contexto atual tomado pelas culturas digitais, tanto no âmbito das relações sociais quanto nas do ensino, e demais campos que compõem a sociedade, observa-se uma necessidade de “adaptação” e dinamismo por parte dos professores, assim como dos alunos, para a construção de aulas de literatura que contemplem não apenas a leitura de obras literárias em sua forma escrita, mas também possibilitem o uso de adaptações para desenvolver novas formas de subjetividade e fomento à leitura. Nossa posição é de que o cinema é um desses meios privilegiados de adaptação e veiculação de obras literárias, de fácil penetração nas salas de aula. Sendo assim, através da obra *O Castelo Animado*, da escritora Diana Wynne Jones, e da adaptação dela feita pelo diretor Hayao Miyazaki, buscaremos observar como se estabelece a relação dialógica entre texto literário e a adaptação fílmica. Objetivamos problematizar também como essas obras subvertem o modo tradicional de tematizações da estética corporal (padrões de beleza), da juventude, das relações familiares e das emoções. Pretendemos demonstrar como a adaptação cinematográfica de obras literárias pode apontar caminhos para a formação do letramento literário, bem como para construção de outros saberes. Nossa pesquisa está fundamentada em estudos realizados por Antônio Cândido (2011), Rosália Duarte (2002), Ernest Fischer (1966), entre outros.

Palavras-chaves: Literatura, Cinema, Interdisciplinaridade, Ensino.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



INTRODUÇÃO

Percebe-se que os alunos do nível Médio se constituem como indivíduos capacitados para uso regular das tecnologias da informação e das culturas digitais, todavia ainda são carentes de alternativas que os possibilitem encontros com a literatura, como também com a linguagem do cinema, sobretudo os alunos do ensino público em comunidades periféricas. Nossa proposta de trabalho aqui discutida é a de que através dos signos linguísticos do cinema possa-se fomentar a leitura de obras literárias e, conseqüentemente, a formação do letramento literário. Objetivamos discutir possibilidades de conexões entre o ensino de literatura e a linguagem cinematográfica, de modo a nortear a utilização de meios tecnológicos existentes nas escolas e em diversos âmbitos sociais que podem auxiliar no processo de aprendizagem.

Segundo Walter Benjamin (1994), para que a arte seja reconhecida como tal é necessário considerá-la enquanto linguagem, situando-a dentro da teoria geral dos signos e, dessa maneira, procurar a conexão dela com as linguagens da natureza e da sociedade:

[...] é certo que a linguagem da arte só poderá ser compreendida nas suas relações mais profundas com a teoria dos signos. Sem esta, qualquer filosofia da linguagem permanece fragmentária, porque a relação entre linguagem e signo vem das origens e é fundamental. (BENJAMIN, 1994, p.195).

O cinema possui uma linguagem significativamente rica de subjetividades que favorece a construção de outras percepções através das imagens em movimento, dos sons, das cores, da mimetização do real, que propiciam a quem dele se apodera como espectador daquilo que Pierre Bourdieu (Apud DUARTE, 2002) chama de “competência para ver”, competência essa propiciada pela experiência do indivíduo com o cinema e com as demais mídias visuais, como a televisão e a internet. Ao levar esse veículo de conhecimento para a sala de aula, o professor consegue abrir caminhos possíveis para uma formação contextual e sólida do aprendiz e do aluno/cidadão, no que se refere ao letramento literário e ao encontro com novos saberes, que vão além das tradicionais possibilidades ofertadas pelas escolas: o livro didático e o paradidático, que limitam os modos de apreensão dos conhecimentos aos mecanismos de decodificação de textos impressos. Desse modo, abre-se um abismo entre as habilidades adquiridas extra sala de aula pelos alunos e o que a escola oferece e pratica, centrada em modelos arcaicos que, via de regra, condicionam os alunos para que observem apenas três pontos de atenção em sala: o professor, o quadro e, nas melhores escolas, o

livro. As preferências de atividades lúdicas e instrutivas das crianças e jovens do século XXI passam necessariamente pelo contato com a pluralidade de imagens e informações rápidas das mídias digitais e visuais, e nem sempre os professores estão capacitados ou dispostos a aproveitar essa abertura para tornar mais atrativo o ensino de literatura. Deve-se ao cinema, principalmente, a mudança no conceito do quem vem a ser o texto literário na contemporaneidade, e cabe aos professores ir buscar esse texto nos filmes, nos blogs, nos curtas, nos documentários, nas animações, nos vlogs, nas novelas televisivas, nos clips da internet e em locais há tempos bastante conhecidos e visitados pelas crianças e pelos jovens.

Enxergando o cinema como arte, bem como tudo que lhe é particular: imagens, sons, cores, cenas, personagens, enredos, ambientações, figurinos, proposições etc., entendamos com isso que: “A arte é o meio indispensável para união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para associação, para a circulação de experiências e ideias”. (Fischer, 1966, p, 13). Principalmente nos primeiros anos de contato das crianças com as letras, a arte cinematográfica pode ser responsável pela “educação do olhar”, ao produzir diferentes estímulos simultâneos que ajudarão no fortalecimento de mecanismos neurológicos e cognitivos ligados à capacidade de fabulação, abstração e atenção, essenciais para o entendimento da literatura. Quanto mais imaginativa for a obra apresentada, mais estímulos ela produzirá nos leitores; por essa razão optamos pela escolha de uma obra cinematográfica situada no gênero literatura fantástica: *O castelo animado*, da escritora inglesa Diana Winne Jones, por entender também que sua obra faz parte de um estilo ficcional bastante prestigiado na atualidade por um público adolescente que, em sua maioria, está em uma faixa etária abrangida pelo ensino médio. O foco de nossa pesquisa, no entanto, recai sobre a adaptação dessa obra pelo premiado diretor japonês Hayao Miyazaki, que nos dará suporte e subsídios, através de sua linguagem semiótica, para a formulação de estratégias para construção de possíveis aulas de literaturas dinâmicas e interativas, objetivando o despertar para arte das letras e do cinema, bem como para suas respectivas linguagens e códigos.

Pontuaremos questões significativas em ambos os formatos da obra, acerca dos ditos “padrões de beleza”, impostos tanto aos homens quanto às mulheres; das relações familiares e de tolerância ao outro. A narrativa que tomamos como *curpus* de pesquisa nos permite em diversos momentos questionamentos acerca das relações humanas, que são construídas de maneira singular quando os indivíduos caminham para uma relação de respeito e cooperação mútuos. Os personagens dessa trama nos são apresentados desprendendo-se de caprichos, egoísmos e muitas vezes

renunciando as suas próprias condições de indivíduos em âmbito social, em detrimento da construção de uma vida que prima por enxergar o outro como ele realmente é. Isso verifica-se nas obras analisadas quando as personagens principais despem-se de suas “máscaras sociais”, permitindo assim um conhecer com mais escuta e sinceridade.

DIANA WINNE JONES

Diana Wynne Jones nasceu em Londres no dia 16 de agosto de 1934 e faleceu em Bristol, em 26 de março de 2011. Foi uma escritora que escreveu livros do gênero fantasia (livros infantis e adultos) e alguns livros de não-ficção; ao todo sua obra conta com 42 livros. Filha de Marjorie e Richard Aneurin Jones, ambos professores, suas produções refletem fortes vínculos com a educação de crianças e jovens.

Quando foi anunciada a Segunda Guerra Mundial, às vésperas de seu quinto aniversário, Diana foi levada à casa dos avós no País de Gales e dali em diante se mudou várias vezes, incluindo períodos em Coniston Water, York, voltando a Londres e se fixando em Essex. Estudou em Oxford, onde teve aulas com C. S. Lewis (autor de *Crônicas de Nárnia*) e J. R. R. Tolkien (autor de *O Senhor dos Anéis*), formando-se em 1956. A influência desses dois professores, grandes mestres da literatura fantástica, é reconhecível nas obras da autora.

Muitos de seus livros apresentam mágicos ou magos. Entre os mais famosos estão As Crônicas de série *Crestomanci e Castelo movente do Howl* (1986) - o último dos quais foi feito um filme de animação de sucesso pelo diretor japonês Miyazaki Hayao em 2004, também objeto de estudo no presente artigo. Outra de suas obras, *O Guia Difícil de Fantasyland* (1996; revisto 2006), serve como uma exploração bem-humorada do clichés de seu favorecido gênero. Diana recebeu muitas honras e prêmios, incluindo o Prêmio Fantasy World pelo conjunto da obra, em 2007.

HAYAO MIYAZAKI

De acordo com PESSEL (2009) o autor da animação cinematográfica, Hayao Miyazaki nasceu em 5 de janeiro de 1941, em Tóquio, Japão, em plena 2ª Guerra Mundial, período próximo ao qual também nasceu a escritora inglesa autora do livro que nos serve de base. Seu pai, Katsuyuki Miyazaki, era diretor de uma empresa familiar que fabricava peças para os aviões Zero de



caça Mitsubishi 6AM, que foram utilizados como bombardeiros durante a Segunda Guerra Mundial.

A relação de família influenciou não apenas na temática de guerras existentes em seus filmes, mas também em sua paixão pelo vôo e aeronaves, e uma visão singular do diretor acerca do voar, marcas que podem ser observadas em: *O castelo animado*, *O serviço de entregas da Kiki*, *Laputa o castelo no céu*, *A viagem de Chihiro* e, o mais recente, *Vidas ao vento*, que narra a história do designer de aviões Jiro Horikoshi.

O CASTELO ANIMADO DE DIANA JONES

Trata-se da história da jovem Sophie, quando ela é surpreendida pela perversa bruxa das terras abandonadas enquanto trabalha entediada na chapelaria da família. Por motivos que ela desconhece, a bruxa a transforma numa velha de 90 anos, e Sophie tímida e temerosa que é, não vê outra saída senão fugir para evitar a dor de não ser reconhecida por suas irmãs. Vagando sem rumo, a “jovem senhora” acaba na porta dos fundos do castelo do mago Howl, conhecido por devorar o coração das moças do povoado. Entretanto, a narrativa não tem seu foco apenas na vida de Sophie, agora uma velha, mas além disso, somos conduzidos a observar como as relações entre as personagens se estabelecem, ao passo que a trama promove nos encontros entre as personagens das maneiras mais distintas, descobertas e empatias, essas são marcas recorrentes que podem ser observadas na leitura.

A ADAPTAÇÃO DE HAYAO MIYAZAKI

A adaptação japonesa da obra trouxe nuances de ambas as culturas, mantendo a essência inglesa, mas com toques nipônicos que enobrecem ainda mais a (re) leitura da obra, trazendo com isso uma marca não apenas cultural, por assim dizer, mas também do diretor, que primou por focar na desconstrução de certos conceitos, predominantemente ocidentais, quando optou por exhibir com maior força certos personagens em vez de outros, quebrando com isso certos paradigmas. Como pode ser observado na relação que se estabelece entre a velha Sophie e o mago Howl, contradizendo sua fama de cruel e devorador de corações, isso não apenas por Sophie ser uma velha indefesa, mas por ser o mago empático com a senhora em situação difícil. Inicia-se aí, uma relação significativamente afetuosa entre ambos, a princípio de acolhimento, mas no decorrer da trama, ocorre uma relação de respeito e cuidado mútuos.



A velhice muito bem marcada no traço do diretor, característica sua que mostra sempre em suas obras os personagens com fortes expressões faciais e “marcas de idade”, é retratada com a simbologia de ser sábio e paciente, características que coadunam com a personalidade da jovem Sophie. Além de uma outra nuance da velhice abordada no filme somada a um sentimento de empatia, que é a da invalidez da Bruxa das Terras Abandonadas quando esta perde seus poderes, mas é acolhida pela agora também velha Sophie; embora tenha sido atacada por ela, Sophie reconhece que sua algoz se encontra em posição inferior à dela e sendo punida pelo próprio destino, não restando a Sophie exprimir nenhuma reação de rancor, filtrando a mágoa e a convertendo em amor e acolhimento.

O humanismo e sensibilidade acerca da natureza, assim como de culturas distintas da sua, são traços fortes na cinematografia de Miyazaki, pois suas obras bem mais do que entretém, educam, humanizam e despertam para um mundo além da tela e da fantasia literária e cinematográfica, um mundo embora ficcional, mas com vistas a tocar o telespectador pelo humanismo. Características que se assemelham com as propostas por Candido sobre a literatura em O Direito à Literatura:

Deste modo. Ela é fator indispensável à humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. (CÂNDIDO, 2011, p. 177).



Referências

BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2011.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

PESSSEL, Matheus Silveira. **O cinema de animação de Hayao Miyazaki**. Porto Alegre, 2009.

<https://translate.google.com.br/translate?hl=pt->

[BR&sl=en&u=https://www.britannica.com/biography/Diana-Wynne-Jones&prev=search](https://www.britannica.com/biography/Diana-Wynne-Jones&prev=search) Acessado em 20 de setembro de 2016

<http://site.studiohibli.com.br/diretores/hayao-miyazaki/> Acessado em 20 de setembro de 2016

<http://literatortura.com/2016/01/hayao-miyazaki-a-biografia-do-mestre-da-animacao/> Acessado em 20 de setembro de 2016